



**Instauratio Magna**

Revista do Programa de Pós-Graduação  
em Filosofia da Universidade Federal do ABC  
v. 2, n. 1 (2022) ▪ ISSN: 2763-7689

Tradução

## Carta de Descartes a Mersenne (março de 1642): um católico contra Pelagius

Traduzido por  
**Rafael Teruel Coelho**

Universidade de São Paulo (USP)  
São Paulo (SP)

**DOI: 10.36942/rfim.v2i1.564**

Recebido em: 16 de setembro de 2021.

Aprovado em: 11 de setembro de 2022.

Contato do autor: [teruel@usp.br](mailto:teruel@usp.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9540578217512846>

## Carta de Descartes a Mersenne (março de 1642): um católico contra Pelagius<sup>1</sup>

Traduzido por Rafael Teruel Coelho

### Introdução

A carta de Descartes ao Padre Marin Mersenne datada de março de 1642 é particularmente interessante aos olhos de aprendizes de filósofos. Nesse breve texto, o pensador das ideias claras e distintas apresenta traços marcantes de sua individualidade, cuja relevância para a constituição de sua metafísica nos é esclarecedora. O primeiro ponto, e, de acordo com nossa opinião, o mais importante deles, é a adesão de Descartes à fé católica, o que, segundo o próprio autor, já era algo notório quando da dedicação das *Meditações Metafísicas* aos cuidados do Deão e dos Doutores da Sagrada Faculdade de Teologia de Paris (*Université de la Sorbonne*). Além disso, a presente carta é um dos poucos textos em que Descartes menciona suas reflexões acerca da Eucaristia e do Dogma da Transubstanciação<sup>2</sup>. Outra informação valiosa encerrada na referida carta é o relato, confidenciado ao padre mínimo, acerca da indignação de Descartes frente às críticas do

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Crença cultivada entre os católicos de que, no instante em que o sacerdote pronuncia as palavras da Consagração, as espécies do pão e do vinho se mudam no Corpo e no Sangue de Jesus Cristo.

Pe. Bourdin, quais sejam, as *Sétimas Objeções*. É particularmente instigante conhecer os "bastidores" dessa querela filosófica, sobretudo por se tratar de um lugar no qual se revelam as animosidades por detrás do debate entre um eminente e influente filósofo, como era o caso de Descartes, e determinados membros de uma das instituições mais poderosas da época, a Igreja Católica Apostólica Romana.

Ainda nessa carta, Descartes se defende contra as acusações de pelagianismo, uma das heresias mais combatidas pela Igreja Católica. O pelagianismo, como ficou conhecido, é uma doutrina defendida por Pelagius (monge ascético, natural das Ilhas Britânicas, e autor de obras como *Da Natureza* e *Do Livre Arbítrio*). O cerne de tal doutrina repousa, dentre outras coisas, sobre dois aspectos fundamentais: a) uma atitude negacionista frente à existência do pecado original; b) o caráter não necessário da graça divina para a salvação dos homens. Assim, Pelagius minimizava a relevância da graça para a redenção humana, de modo que ganhar o "prêmio" da vida eterna devia-se única e exclusivamente aos méritos dos homens, dispensando o auxílio e a benevolência divinos para a sua concretização plena na vida *post-mortem*. Diversamente, Descartes parece se posicionar claramente ao lado dos jansenistas da *Abbey de Port-Royal*, como é o caso de Blaise Pascal e de Antoine Arnauld, ao defender a necessidade da graça e do auxílio divino para que os homens creiam e sejam salvos.

Por fim, evidenciam-se aspectos do desenrolar daquilo que ficou conhecido como a "Querela de Utrecht", debate filosófico-jurídico ocorrido entre Descartes e Gisbertus Voetius, teólogo calvinista holandês, que resultou na forte ruptura deste com o filósofo das ideias claras e distintas.

\* \* \*

## DESCARTES A MERSENNE

Endegeest, março de 1642<sup>3</sup>

Meu Reverendo Padre,

Sou extremamente grato ao Senhor de Sainte-Croix pela boa vontade que vós dizeis que ele tem para comigo<sup>4</sup>. Estimo muito os conselhos que ele faz o favor de me oferecer, e não deixaria de os seguir, tanto quanto eu puder. Do mesmo modo, não me queixaria [plaindrois] em fazer uma viagem à França especialmente para poder aprendê-los de sua própria boca,

---

**3** A respeito da datação desta carta, Charles Adam & Paul Tannery oferecem-nos a seguinte nota explicativa: "Sem data em Clerselier; mas uma alusão à chegada recente da rainha da Inglaterra à Holanda (p. 543, l. 9) permite datar essa carta em meio de março de 1642."

**4** Cremos que a expressão "*que vous me mandez*", no contexto de "[...] *de la bonne volonté que vous me mandez qu'il me témoigne*", fica melhor traduzida por "que vós me dizeis", sobretudo por evidenciar que o testemunho a favor de Descartes da parte de M. de Sainte-Croix é um informação que o filósofo toma conhecimento a partir dos relatos de Mersenne.

mas o mar e os Dunkerquois<sup>5</sup> tornam agora o caminho muito difícil e perigoso.

Sobre testemunhar publicamente que eu sou Católico Romano, parece-me que já fiz isso muito expressamente várias vezes: como, dedicando minhas Meditações aos Senhores da Sorbonne, explicando como as Espécies permanecem sem a Substância do Pão na Eucaristia, e em outras ocasiões. Doravante, espero que minha permanência nesse país<sup>6</sup> não dará motivo à pessoa alguma de ter uma má opinião sobre minha Religião, dado que ele é um refúgio dos Católicos, como testemunhou tanto a Rainha que chegou há pouco, quanto a que deve retornar em breve<sup>7</sup>.

Eu vos envio as três primeiras folhas das objeções do Padre Bourdin. A negligência do livreiro é a causa de eu não vos enviar ainda o todo. Eu vos peço, por favor, para guardar a cópia à mão que vós tendes, a fim de que não se possa dizer que eu alterei alguma coisa em sua cópia, com a qual tenho sido cuidadoso em fazer que se imprima mais corretamente quanto me é possível, sem mudar uma única letra. Talvez, vós vos admirareis com o

---

**5** Dunkerquois são os habitantes de Dunquerque, cidade portuária localizada no norte da França, muito próxima à sua fronteira com a Bélgica.

**6** Descartes referia-se à Holanda.

**7** De acordo com Charles Adam & Paul Tannery, tratam-se, respectivamente, de Henriette-Marie de France (esposa de Charles I, rei da Inglaterra) e Marie de Médicis, rainha mãe (que, contrariando as expectativas de Descartes, não chegaria a retornar à Holanda, dado seu falecimento em 2 de julho de 1642) (AT III 546).

fato de eu o acusar tanto de falsidade, mas vereis que o pior ainda está por vir, embora eu o tenha tratado do modo mais cortês que me é possível. Jamais vi um escrito tão repleto de falsidades. Todavia, espero separar de tal modo a sua causa daquela de seus Confrades, que eles não poderão me querer mal, a menos que queiram abertamente se declarar inimigos da verdade e caluniadores.

Procurei em Santo Agostinho as passagens que vós mencionastes sobre o Salmo décimo quarto, mas eu não as pude encontrar, tampouco nada dele [de Agostinho] sobre esse Salmo. Também procurei os erros de Pelagius para saber sobre o que se podem embasar aqueles que dizem que eu sou de sua opinião (que eu ignoro até o presente momento). Mas admiro que aqueles que tem vontade de maldizer, permitem-se buscar pretextos tão pouco verificáveis e tão exagerados<sup>8</sup>. Pelagius disse que podemos fazer boas obras e ganhar a Vida eterna sem a Graça, o que foi condenado pela Igreja. Eu, por outro lado, disse que podemos conhecer pela razão natural que Deus existe, mas eu não disse com isso que esse conhecimento natural, sem a Graça, nos faça alcançar a Glória sobrenatural que esperamos no Céu. Pois, ao contrário, é evidente que essa Glória sendo sobrenatural pressupõe forças mais que naturais para a merecermos. E eu não disse

---

<sup>8</sup> Optamos por traduzir a expressão *"si tirez par les cheveux"* como algo "exagerado", no sentido de "falso", de "não condizente com a verdade".

nada no tocante ao conhecimento de Deus que todos os Teólogos já não disseram. Mas é preciso notar que o que se conhece pela razão natural, como o fato de que Deus é bom, onipotente, veraz etc, pode servir para preparar os infiéis para receber a fé, mas não basta para lhes fazer ganhar o Céu. Pois, para isso, é preciso crer em Jesus Cristo e nas outras coisas reveladas, o que depende da Graça.

Vejo que, muito facilmente, se interpreta muito mal as coisas que tenho escrito, pois a verdade sendo indivisível, a menor coisa que nós lhe retiramos ou acrescentamos a falsifica. Como, por exemplo, vós mencionais um axioma como vindo de mim: que tudo o que nós concebemos claramente é ou existe, o que não é minimamente meu, mas somente que tudo o que nós percebemos claramente é verdadeiro e, desse modo, que existe, se percebermos que isso não possa não existir, ou que possa existir se percebermos que sua existência seja possível. Pois, embora a realidade objetiva da ideia deva ter uma causa real, não é sempre necessário que essa causa a contenha formalmente [formaliter], mas somente eminentemente [eminenter].

Eu voz agradeço pelo o que mencionastes do Concílio de Constância<sup>9</sup> sobre a condenação Wiclef<sup>10</sup>, mas vejo que isso não faz

---

<sup>9</sup> O Concílio de Constança foi uma reunião ecumênica que durou quatro anos (1414 a 1418) e é o 16º concílio realizado pela Igreja Católica Apostólica Romana. Grosso modo, um de seus principais objetivos era por fim em um dos mais consideráveis cismas da Igreja que foi ocasionado pelo papado de Avignon.

<sup>10</sup> Trata-se do teólogo John Wycliffe, intelectual inglês filiado à Universidade de Ox-

nada contra mim, pois ele deveria ser condenado da mesma forma, mesmo se todos aqueles do Concílio tivessem seguido a minha opinião. E, negando que a substância do Pão e do Vinho permanece sendo o sujeito dos Acidentes, eles não tem [os padres conciliares], por isso, determinado que esses Acidentes sejam reais, que é o que eu escrevi não ter lido nos Concílios. Contudo, vos sou extremamente grato pelo cuidado que vós tendes com tudo aquilo que me diz respeito.

Fico feliz ao saber que Sr. de Z(uylichem) vos tenha feito ver a imprudência de Voetius, que vos cita contra mim. Eu queria vos enviar, mas fiz tão pouco caso, que sempre me esqueço. Sua grande animosidade contra mim deve-se ao fato de que ele tem um Professor em Utrecht que ensina a minha Filosofia e os seus discípulos, experimentando o meu modo de raciocinar, desprezam tão fortemente a [maneira] vulgar de [raciocinar], que eles zombam dela abertamente. Isso excitou um extremo ciúme contra ele por parte de todos os outros Professores, dos quais V(oetius) é a peça chave. E eles importunam todos os dias o Magistrado para que ele defenda esse modo de ensinar. É necessário que vós vejais a resposta que enviei a Voetius a algumas de suas Teses, onde ele compreendeu tudo o que pode de minha Filosofia. Eu as enviarei ao Senhor de Z(uylichem) para ele vos encaminhar, pois, por outro modo, o transporte custaria muito.

Por fim, li o julgamento favorável que o Senhor Chanut fez de mim, estimando-me capaz de responder às objeções do Padre P. Tentarei mostrar que ele tem razão e que o outro não, e ficaria feliz se ele soubesse que eu sou.

M. R. P.

\* \* \*

## Referência bibliográfica

Descartes a Mersenne - março de 1642. In: **Oeuvres de Descartes. Vol. III - Correspondance**. Organização por Charles Adam & Paul Tannery. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, pp. 542-546, 1996 (AT III 542-546)